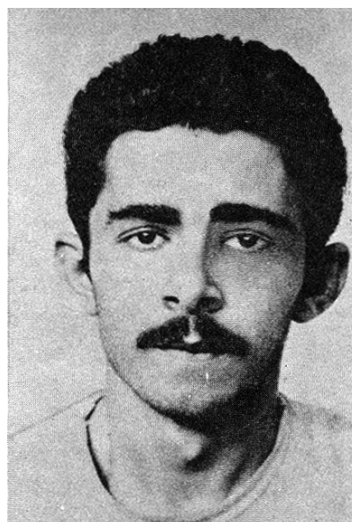


"GRAÇAS A DEUS, PORTANTO, ESTOU VITORIOSO: PARA RETOMAR MEUS ESTUDOS; PARA REGRESSAR A FAMÍLIA E AJUDAR OS MEUS PAIS A DAR UMA MELHOR CONDIÇÃO DE EDUCAÇÃO E DE VIDA AOS MEUS IRMÃOS; PARA ACONSELHAR AOS AMIGOS E AOS JOVENS; PARA REINTEGRAR-ME A SOCIEDADE."



Recife, 5 de julho de 1971.

Exmo. Sr. Ministro da Aeronáutica  
Márcio de Souza e Mello

Escrevo esta carta para manifestar a V. Excia., numa forma oficial e direta, o compromisso que assumi dias atrás, na oportunidade de uma entrevista à imprensa escrita e televisionada, com o povo brasileiro, com os Exmos. Srs. Ministros e com Sua Excia. o Ilmo Sr. Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, de renunciar as minhas atividades numa organização terrorista, de repudiar as organizações e suas atividades, e ainda, de tudo fazer para ajudar o Brasil a estirpar êste mau e arrancar para o desenvolvimento.

Esta minha expressão, esta franqueza de espírito é o reconhecimento autocrítico de cada ato do passado, resultado de uma reflexão profunda que se molda e se projeta nêste estado de consciência atual.

Cheguei a esta condição pelo caminho oposto, como o personagem que motivado a fazer o bem, declinou antes, pelo caminho do mau, a fim de separar bem evidencialmente as duas idéias, estabelecendo um limite inconfundível. Acredito que isto não desmerece minha atual condição, ao contrário, fortalece-a, fortifica. Pois, tendo como base a minha experiência a juventude permanecerá alerta, evitando ser iludido e a repetir os meus êrros.

Fui conduzido a uma organização por um indivíduo que, para me iludir, aproveitou-se, nitidamente, do grau de amizade existente entre nós. Fui levado pelas circunstâncias do meio e pressionado por terceiros a praticar ações, as mais abjetas, contra os direitos da pessoa humana. Fui esmagado como indivíduo e transformado, gradualmente, num verdadeiro marginal. Presenciei'

jovens de diversas categorias sociais, sendo iludidos e arrastados pelo mesmo caminho. Presenciei jovens sendo seduzidas e, levadas pelo desespero desta condição, a integrarem os grupos terroristas. Presenciei o arrependimento de muitos, que não se entregam às autoridades, pela falsa imagem que fazem da prisão. E presenciei o desespero de muitos outros.

Não me recordo, confesso, de um só ato praticado pela organização em respeito à pessoa humana, em benefício do povo, em defesa dos interesses da pátria. Antes pelo contrário: é o desrespeito pelo desrespeito, é a traição pela traição, é o crime pelo crime. Por isso, é que procuram afastar os jovens do convívio da família, da escola e da sociedade, desvinculando-os de toda e qualquer responsabilidade social. Enfim, as esquerdas não passam de um antro de degeneração moral, onde se confundem a chantagem e o vício, a prostituição e o terror.

Devo dizer, para ser honesto, que não tinha consciência daquela realidade; que não sentia o peso e a gravidade dos atos que praticava, quanto mais o correr dos dias, o desperdício da juventude e o malogro de minha vida profissional.

Quando tive de refletir, de pensar, não foi difícil renunciar o passado. O arrependimento veio fácil, sereno, profundo e de coração. Procurei e encontrei forças para conservar-me à margem de tudo aquilo que era falso e equívoco. Mas o meu arrependimento não seria total, e eu não teria tanta coragem, se não fossem os oficiais do 1º Exército e da 2ª Zona Aérea, que entendendo-me, deram-me o entusiasmo e o apoio necessário ao seu aprofundamento. Assim, pude manifestar, publicamente, este meu estado de consciência atual.

De modo que, a prisão tem para mim o significado e a importância que teve o relâmpago para o apóstolo São Paulo: simbologia de uma conversão. E desde então, eu tenho repetido: Dai-me, meu Deus, a graça do arrependimento. E ainda: recebi na prisão, uma vez que não servi o Exército, a lição da ordem, da responsabilidade e do amor à pátria. Por isso, é meu dever, refutar a imagem que os dirigentes das organizações divulgam dos presídios, impedindo que outros jovens se arrependam. Tenho sido muito bem tratado. Basta dizer, que as autoridades da 2ª Zona Aérea, deram-me a oportunidade de passar 15 dias com a minha família em Natal, o que foi, para mim, motivo de grande alegria. Naquela oportunidade, eu consegui captar e traduzir, nas palavras de Jakob Wassermann, o sentimento que se apoderava do coração de meus pais e de meus 8 irmãos: "Se ainda queriam viver, era unicamente, para esperar o arrependimento e a volta do filho e irmão bem-amado que haviam perdido." Eu transmiti-lhes meus atuais sentimentos e pude vislumbrar os seus olhos cheios de alegria. Sim, meus pais tinham razão. Eu não tinha sido destruído. E quando um homem não é destruído, nunca pode ser derrotado, afirma Ernest Hemingway.

"Graças a Deus, portanto, estou vitorioso: para retomar meus estudos para regressar à família e ajudar os meus pais a dar uma melhor condição de educação e de vida aos meus irmãos; para aconselhar aos amigos e aos jovens; para reintegrar-me à sociedade.

Desejo, ardentemente, exercer com dignidade e retidão este processo de retificação. Como desejo, igualmente, viver esta época em que são dados os passos mais destemidos e decisivos em busca do desenvolvimento do Brasil, da moralização de suas instituições e princípios, ao civismo e da confiança do seu povo.

Sinto-me na obrigação de trazer pelos tempos e transpor à VV. . Excias., as palavras proferidas por Shouthey em homenagem a Manoel da Nóbrega: "Não há ninguém a quem deva o Brasil tantos e tão permanentes serviços."

Desejo que V. Excia. faça chegar ao conhecimento de Sua Excia. o limo. Sr. Presidente da República Emílio Garrastazu Médici, dos Exmos. Srs. Ministros de Estado e às mãos de todos os brasileiros, os termos deste compromisso.

Desejo, ainda, que na franqueza deste compromisso, seja compreendido o esforço de reabilitar-me perante a sociedade, com sinceridade e com humildade de espírito.

Por último. em meu nome e em nome de minha família, às autoridades, o agradecimento sincero e de coração, pelo muito que têm feito por mim.

Respeitosamente  
JOSÉ GERSINO SARAIVA MAIA

**FAC-SIMILE**

Recife, 5 de julho de 1971.

Exmo. Sr. Ministro da Aeronáutica  
Márcio de Souza e Melo:

Escrevo esta carta para manifestar a V. Excia.,  
numa forma oficial e direta, o compromisso que  
assumi dias atrás, na oportunidade de uma entre-  
vista à imprensa escrita e televisuada, com o  
povo brasileiro, com os Exmos. Srs. Ministros e  
com Sua Excia. o Ilmo. Sr. Presidente da Repú-  
blica Emílio Garrastazu Médici, de renunciar  
as minhas atividades numa organização terro-  
rista, de repudiar as organizações e suas ati-  
vidades, e ainda, de tudo fazer para ajudar o  
Brasil a estirpar este mal e arrancar pa-  
ra o desenvolvimento.

Esta minha expressão, esta franqueza de espé-  
rito é o reconhecimento autocrítico de cada ato  
do passado, resultado de uma reflexão profunda  
que se mudou e se profeta neste estado de cons-  
ciência atual.

Cheguei a esta condição pelo caminho oposto,  
como o personagem que motivado a fazer o

bem, dechiuui antes, pelo caminho do mau, afim de separar bem evidencialmente as duas idéias, estabelecendo um limite inconfundível. Acredito que isto não desmerece minha atual condição, ao contrário, fortalece-a, fortifica-a. Pois, tendo como base a minha experiência a possibilidade permanecerá aberta, evitando ser itudida e a repetir os meus erros.

Fui conduzido a uma organização por um indivíduo que, para me itudin, aproveitou-se, nitidamente, da grau de amizade existente entre nós. Fui levado pelas circunstâncias do meio e pressionado por terceiros a praticar ações, as mais abjetas, contra os direitos da pessoa humana. Fui esmagado como indivíduo e transformado, gradualmente, um vendalzeiro marginal. Presenciei jogos de diversas categorias sociais, sendo itudidos e anastados pelo mesmo caminho. Presenciei jogos sendo seduzidos e, levadas pelo desespero desta condição, a integrarem os grupos terroristas. Presenciei o desaparecimento de muitos, que não se entregam às autoridades, pela falsa imagem que fazem da prisão. E presenciei o desespero de muitos outros.

Não me recordo, confesso, de um só ato praticado pela organização em respeito à pessoa humana, em benefício ao povo, em defesa dos interesses da pátria. Antes pelo contrário é o desrespeito pelo desrespeito, é a traição pela traição, é o crime pelo crime. Por isso, é que procuram afastar os jovens do convívio da família, da escola e da sociedade, desvinculando-os de toda e qualquer responsabilidade social. Enfim, as esguelas não passam de um autro de degeneração moral, onde se confundem a chantagem e o vício, a prostituição e o terror.

Devo dizer, para ser honesto, que não tinha consciência daquela realidade; que não sentia o peso e a gravidade dos atos que praticava, quanto mais o correr dos dias, o dispêndio da juventude e o malogro de minha vida profissional.

Quando tive de refletir, de pensar, não foi difícil renunciar o passado. O arrependimento veio fácil, sereno, profundo e de consciência. Procurei e encontrei fincas para conservar-me à margem de tudo aquilo que era falso e equívoco. Mas o meu arrependimento não seria total, e eu não teria tido tanta coragem, se não fossem os oficiais do 1º Esca-

esto e da 2ª Zona Aérea, que entendendo-me, de-  
nunciou-me o entusiasmo e o apoio necessário ao  
meu aprofundamento. Assim, pude manifestar,  
publicamente, este meu estado de consciência atual.

De modo que, a prisão tem para mim o  
significado e a importância que teve o resam-  
pago para o apóstolo São Paulo: simbologia de  
uma conversão. E desde então, em tempo repe-  
tido: Dê-me, meu Deus, a graça do arrependi-  
mento. E ainda: recebi na prisão, uma vez que  
não servi o exército, a lição da ordem, da res-  
ponsabilidade e do amor à pátria. Por isso,  
é meu dever, refutar a imagem que os dire-  
tores das organizações divulgam dos prisioneiros,  
impedindo que outros jovens se arrependam.  
Fui muito bem tratado. Basta dizer, que  
as autoridades da 2ª Zona Aérea, deram-me  
a oportunidade de passar 15 dias com a mi-  
nha família em Natal, o que foi, para mim,  
motivo de grande alegria. Naquela oportunidade,  
eu consegui captar e traduzir, nas palavras de  
Jakob Wassermann, o sentimento que se apo-  
deava do coração de meus pais e de meus  
8 irmãos: "Le ainda queriam viver, era única-  
mente, para esperar o arrependimento e a  
volta do filho e irmão bem-amado que



haviame perdido? Eu transmitir-lhes meus atuais sentimentos e poder restituir-lhes os seus olhos cheios de alegria. Sim, meus pais tinham razão. Eu não tinha sido destruído. E quando um homem não é destruído, nunca pode ser derrotado, afirma Ernest Hemingway.

Encoras a Deus, portanto, estou vindo de volta: para retomar meus estudos; para regressar à família e ajudar os meus pais a dar uma melhor condição de educação e de vida aos meus irmãos; para aconselhar aos amigos e aos jovens; para reintegrar-me à sociedade.

Sou, ardorosamente, exerceo com dignidade e retidão este processo de reabilitação. Como de resto, igualmente, vivo esta época em que são dados os passos mais determinados e decisivos em busca do desenvolvimento do Brasil, da moralização de suas instituições e princípios, do civismo e da confiança do seu povo.

Deito-me na obrigação de trazer pelos tempos e transpon à V. Excia., as palavras proferidas por Shoutheij em homenagem a Manuel da Nobrega: "Não há ninguém a quem deva o Brasil tantos e tão firmes serviços."

Dejo que V. Excia. faça chegar ao co-

atendimento de Sua Excia. o Ilmo. Sr. Presidente da  
República Euclio Corrêa Medici, dos Exmos.  
Srs. Ministros de Estado e às mães de todos os  
brasileiros, os termos deste compromisso.

Peço, ainda, que na franqueza deste compo-  
misso, seja compreendido o esforço de rehabi-  
tar-me perante a sociedade, com sinceridade e  
com humildade de espírito.

Por último, em meu nome e em nome de minha  
família, às autoridades, o agradecimento sincero  
e de coração, pelo muito que têm feito por mim.

respeitosamente

José Jovino Jacova Maia



Brasilia, 15 de Julho de 1971

Jovem José Gersino Saraiva Maia

Quando o meu Major-Secretário pretendeu que eu lêsse a sua carta, não me dispus a fazê-lo, por mais de uma razão.

Um Ministro de Estado, praticamente, só pode dedicar-se à leitura da correspondência enviada por outros Ministros, Altos Escalões do Executivo, Legislativo e Judiciário e expressivas representações da Nação, entretanto, recebe volumosa correspondência que é lida, estudada e respondida pelos seus assessôres imediatos, dentre os quais se encontram alguns que lidam com problemas mais de perto afetos à Segurança Nacional.

Determinei, portanto, que o Major encaminhasse a sua carta aos Oficiais de Informações de Segurança.

Pouco depois, voltava um desses Oficiais, insistindo em que eu lêsse a carta, ocasião em que esclarecia que se tratava de correspondência enviada por um dos terroristas assassinos do meu Tenente Matheus Levino dos Santos. Nesse instante, a única coisa que recordei foi do laudo médico descritivo do sofrimento do meu Tenente Levino, nos últimos dias de seus nove meses de agonia, e do qual transcrevo alguns períodos:

"Visto hoje, após 8 meses, apresenta um dos quadros mais tristes a que pode chegar um ente humano".

"Sob o ponto de vista neurológico, instalou-se, de modo definitivo, o quadro de quadriplexia maciça, com atrofia de tôda a massa muscular".

"Apresenta, hoje, profundo déficit global das funções psíquicas". "Tem emitido com frequência gritos, que podemos dizer horripilantes e que são ouvidos em outras dependências do Hospital".

e pensei alto e em bom som: "Tenho mais o que fazer!". Mas deixei que a sua carta ficasse na minha mesa de trabalho.

Mais tarde, resolvi lê-la e sensibilizei-me. E pensei: a morte prematura do meu generoso Tenente Levino - que foi um sacrifício sem preço - contribuiu, pelo menos, para que um jovem como êsse tenha podido acordar do sonho diabólico, de que, através dos crimes mais infames, encontra-se o instrumento para realizar a utopia comunista.

Resolvi, então, responder, públicamente, à sua. carta para que à divulgação dos seus pensamentos possa ser somada a publicidade que, ordinariamente, a imprensa dá aos escritos dos Ministros de Estado. E não me limitarei a respondê-la, ao contrário, vamos pensar juntos, reforçando idéias que você alinhavou naquelas páginas.

Você, ao abominar as atividades terroristas, diz-me que o faz como resultado de uma reflexão profunda. Infelizmente, no seu caso, o cadeado, na porta arrombada da sua consciência, só pode ser colocado após o roubo - realizado pelos proselitistas da ideologia comunista - dos ideais que animavam o jovem de visão curta, mas que se julgava dono da verdade. Os jovens, nem todos, ressaltam-se, padecem desse erro mental e fisiológico, de se auto nominarem senhores privilegiados, conhecedores das mais eficazes soluções de todos os problemas.

Isso faz-me lembrar um episódio dos primórdios da nossa aviação, transcrito do livro "História da Força Aérea Brasileira", de autoria do Tenente-Brigadeiro Wanderley:

#### "UMA TENTATIVA CLANDESTINA DE "RAID" RIO-SÃO PAULO"

No dia 3 de agosto de 1920, o Primeiro Tenente PEDRO MARTINS DA ROCHA, sem permissão das autoridades, decolou do Campo dos Afonsos, num avião Spowith, levando como passageiro o Segundo Tenente RUBENS DE MELLO E SOUZA, numa tentativa clandestina de realizar o "raid" aéreo Rio-São Paulo, que constituía um dos sonhos dos aviadores militares da época.

O avião do Tenente MARTINS DA ROCHA teve pane seca, por esgotamento da gasolina, na Estação de Suzano, entre Mogí das Cruzes e São Paulo.

O avião ficou danificado, ao descer fora de campo, tendo o Tenente MARTINS DA ROCHA ficado ligeiramente ferido.

Ambos os Oficiais foram prêsos e o Tenente MARTINS DA ROCHA sofreu carga, nos seus vencimentos, da elevada quantia de 2:366\$000 referentes aos gastos com a reparação do avião Spowith.

A mocidade é sempre assim, sonhadora, ousada e contestadora da experiência dos mais velhos. Quando, levada por êsses sonhos, realiza bravatas, vamos dizer, heróicas e puras como essa, a conseqüência fica numa prisão disciplinar, até acolhedora para quem está com seus vencimentos, préviamente, descontados. Mas o que temos assistido é a jovens deixarem-se envolver, não em pequenas aventuras ou bravatas, mas numa sanha interminavelmente espúria de assaltos, assassinatos, seqüestros, sabotagens, que procuram justificar como "ações", esquecendo de qualificar o substantivo, com o adjetivo "criminosas".

Nem tudo está certo no nosso Brasil. Há muito o que fazer e construir. De 1964 para cá, todo o povo vê e afirma que os Governos da Revolução, partindo do caos, estão estruturando o edifício do nosso progresso. Mas não bastam as boas intenções; temos, todos nós brasileiros, que mudar mentalidades, o que é o mais difícil.

E o respeito mútuo e a ordem são fundamentais à disciplina desenvolvimentista.

A ordem e o respeito nascem dentro de casa, na medida em que os pais sabem inculcar êsses sentimentos nos filhos, os quais, por sua vez, ao invés de contestá-los - como está na moda fazê-lo - procuram seguir seus conselhos que, insofismavelmente, só traduzem o sincero desejo de contribuir para a formação sadia do jovem.

A amizade, sentimento nobre de moços e velhos, só é válida quando aquêle que se diz amigo nos oferece perspectivas de ordeiro comportamento social. O amigo, que nos oferece a perspectiva de realizarmos determinadas atividades através da violência, é amigo do ódio e que encerra flagrante paradoxo. Amizade é amor, ternura, compreensão. Violência, brutalidade, desarmonia é o oposto. Quem vive clamando pela paz e procura-a, produzindo guerra, encerra-se em contradição, desmerecendo-se a si próprio e não merecendo, sequer, mínima atenção.

O jovem é como o passarinho que faz os primeiros vôos. Deixemos que o moço vôle, mas repitamos a sábia lição da natureza, acompanhando do ninho, através da visão paterna, o comportamento do jovem no relacionamento com o mundo exterior.

Os pais têm que ajudar os filhos a escolher as suas amizades, para que amigos do ódio, como aconteceu com você, não desvirtuem os ideais de amor e paz, que a mocidade, ainda não sofrida, traz no coração permanentemente aberto.

É nessa fase transitória da vida, que a criança-quase-homem é mais suscetível aos cantos de sereia dos pregadores da dissolução da sociedade, dos falsos líderes e dos maus-amigos, que procuram - utilizando como ferramenta de trabalho, idéias, aparentemente positivas - obter do jovem, equivocando-o, profunda baldeação ideológica. E para contar êsse avanço sorrateiro do amigo-inimigo, o jovem necessita, antes de tudo, dialogar com os pais, de coração aberto, com a mente lúcida, colhendo com avidez a síntese precisa da cultura e da experiência paterna. Nesses momentos, nessas horas de dúvida e interrogação, estou bem certo, os pais saberão, com precisão matemática, adjetivar as ações que o môço pretende encetar e lhe recomendar o pensamento filosófico que melhor contribuirá para a formação da sua personalidade.

Não é de extranhar que hoje você não se recorde de um só ato praticado pelos extremistas do crime organizado, em respeito à pessoa humana, porque o velho que lhe escreve, trazendo o testemunho antigo dos últimos sessenta anos, também não se recorda, revolvendo a História em que está cronologicamente inserido porque a viu acontecer, ou a História que muito leu e ouviu, de um só ato extremista em atenção à pessoa humana, em benefício do povo, em defesa dos interesses da Pátria.

A nossa vida é bastante curta para o muito que sempre queremos realizar. Normalmente, quando acordamos, o esperado futuro já se fêz passado - ou como querem os inovadores gramaticais - aquela oportunidade desperdiçada "já era". Sendo assim, aquilo que temos que realizar nos anos vinte não pode ser adiado para depois dos quarenta, porque o compasso da vida não traça duas vezes os ângulos percorridos. Nos anos vinte, a criança-quase-homem estuda, trabalha, namora, vai a praia e ao cinema, vibra com PELÉ, como nós brasileiros vibramos, ou sofre com o América, como eu - americano - sofro. O que a criançaquase-homem dos anos vinte não pOde fazer é "ficar à toa na vida, vendo a banda passar" ou abandonar o estudo, o trabalho, a namorada, a praia, o cinema, o futebol, substituindo a mais saborosa fração da vida pelo amargo dos assaltos, assassinatos, seqüestros, sabotagens, chantagens, vícios, prostituição e terrores.

A criança-quase-homem dos anos vinte, mentalmente já pode e maturamente deve sentir a gravidade dos atos que pratica, sob pena de não o fazendo, carregar no futuro um pêso, quase sempre insuportável, de constrangedor arrependimento.

Eu não poderia esperar de um jovem que conseguiu suplantar a baldeação ideológica de que foi alvo, se não as mesmas referências que você fêz dos Oficiais do Exército e da Aeronáutica, como também te-loia feito dos Oficiais da Marinha, se com êles tivesse tido a ventura de contato, pois em nós militares brasileiros - como em milhões de dignos cidadãos civis - existe arraigada preocupação de ordem, progresso, responsabilidade, amor à Pátria, e ao povo,

de que somos parte comum e indivisível, visto que são êsses os princípios fundamentais da nossa sociedade.

Folgo em saber que seus pais exultaram e se reconfortaram com a volta do filho em processo de reabilitação social.

É claro que o fruto dessa reabilitação adveio, também, da participação paterna na sua formação. Assim sendo, congratulo-me com seus pais. Mas o que não posso deixar de consignar, é a mágoa - que não vai embora - por saber que os filhos do meu Tenente LEVINO, os filhos do Major MARTINEZ, os filhos do Agente IRLANDO REGIS, os filhos do Sargento VALDER e os filhos de tantos outros inocentes não poderão ter, nunca mais, seus pais de volta.

Compreendo o seu sincero e humilde esforço de reabilitar-se perante a sociedade e espero - pois ai está a razão maior da minha resposta pública à sua carta - que outras crianças-quase-homens reflitam, profundamente, sobre o conteúdo das nossas cartas, verificando que o Jovem Gersino reabilitado e o velho Ministro, a despeito da diferença de idade e de formação pensam da mesma forma.

Continue a escrever-me quando quiser. Lerei as suas cartas. Elas me farão bem.

MARCIO DE SOUZA E MELLO  
Ministro da Aeronáutica



[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)